

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Fábio Gomes da Silva

Escola Técnica Estadual Jornalista Roberto Marinho

São Paulo/SP

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Irislaine Mendes Pereira

Instituição: Escola Técnica Estadual Jornalista Roberto Marinho

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Elaboração do roteiro da pesquisa: Irislaine Mendes Pereira

Local da entrevista: Escola Técnica Estadual Jornalista Roberto Marinho

Data: 5 de setembro de 2018

Técnico de gravação: Irislaine Mendes Pereira

Duração: 30 minutos e 35 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Irislaine Mendes Pereira

Número de páginas: 11

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, durante as capacitações Clube de Memórias XXIX e XXX, propostas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018, com o entrevistado professor Fábio Gomes da Silva.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 01 de março a 06 de abril de 2019

Nome da transcritora: Irislaine Mendes Pereira

IMP: Boa tarde, professor Fábio. Agradeço sua disponibilidade para esta entrevista que acontece nessa data, dia 05 de setembro de 2018, nas dependências da Escola Técnica Jornalista Roberto Marinho, como parte da atividade relacionada ao Clube de Memórias XXIX (vigésimo nono) - "História Oral na Educação: Memórias do Trabalho Docente.

IMP: Gostaria que você se apresentasse, falasse sua profissão e sua formação.

FGS: Eu me chamo Fábio Gomes da Silva. Minha formação primeira é em Artes Visuais, licenciatura. Logo depois a minha formação em Artes Visuais, eu busquei uma especialização na área de design. Muito influenciado por uma das minhas primeiras experiências na docência, que era em um curso de design gráfico. Então, dentro da minha especialização eu escolhi o design. Ainda dentro dessa atividade como docente eu vim assumir uma função administrativa, que também me fez buscar uma segunda formação, que foi a de pedagogia. E essa pesquisa em educação se estendeu até o mestrado; dentro da linha de pesquisa de gestão e desenvolvimento da educação profissional. Então, a minha formação, ela vai, ela sempre esteve permeada, ela sempre esteve dentro da educação, dentro da primeira licenciatura até o mestrado.

IMP: Qual é sua trajetória profissional?

FGS: Na licenciatura existe a necessidade do complemento de um estágio, de uma experiência em sala de aula. Primeiro, supervisionada e depois de atuação direta. E foi devida a necessidade do complemento dessas horas de estágio que eu tive o meu primeiro contato em sala de aula. Isso foi na educação de jovens e adultos. Como eu disse, no primeiro momento com a intenção de atender essa necessidade formativa, que era de cumprir as horas de estágio. E foi nessa experiência que eu tive que comecei a colocar em confronto um sentimento que eu carregava das aulas da licenciatura, que era o de não querer atuar, de ter uma experiência como aquela que eu tive como aluno; do meu contato com os professores, principalmente os de arte, que foi a minha primeira escolha. Então, essa experiência da educação básica me fazia pensar que a atuação como docente, a atuação como professor, poderia não ser tão prazerosa. Lógico que essa era uma impressão que eu tinha que rapidamente, dentro desse contato que o estágio me ofereceu fez com que eu mudasse de ideia. Mesmo assim, antes de atuar integralmente como professor, trabalhar integralmente como professor, eu tive uma experiência na

educação não formal, no qual eu trabalhei como educador, arte-educador, às vezes entendido como monitor, em alguns espaços culturais e museus da cidade de São Paulo.

IMP: Como e quando surgiu seu interesse pela docência? Em que momento isso ocorreu?

FGS: Durante a experiência do estágio. Ali pode ter sido uma experiência embrionária, no sentido de me entender como professor e de ter essa experiência de querer ir além da obrigatoriedade do cumprimento de horas para formação como professor. No primeiro momento, o que havia era um esforço paralelo de estar em sala de aula dividindo as minhas horas de trabalho entre a sala de aula e o meu trabalho como arte-educador, nesses espaços de formação em museu. Até que me vi totalmente envolvido com as atribuições de sala de aula. O que me fez perceber que era ali, no espaço da sala de aula que eu me realizava. Era o espaço que eu efetivamente aprendia, além dos espaços de formação que a escola dedicava, nas reuniões pedagógicas, naquilo que eu buscava me formar fora, paralelamente às aulas e o trabalho como professor. Acho que eu só fui perceber isso depois, que era só ali dentro da sala de aula que eu vi isso acontecer. Ou seja, era dentro da sala de aula que eu me sentia completo e onde eu sentia que efetivamente eu estava aprendendo de verdade.

IMP: Quais foram as principais dificuldades encontradas no início da docência?

FGS: A experiência. Um acúmulo de experiência que pudesse me fazer sentir seguro. Não só do conteúdo do qual eu ministrava, mas também a experiência de vida. Eu iniciei a minha carreira docente muito novo, atuando na educação profissional, tecnológica também, muito cedo, logo depois da faculdade, da primeira experiência de estágio. Eu tinha alunos com diferença de idade muito curta em relação a mim. O que me fazia pensar, refletir o tempo todo se aquilo no qual eu era responsável por ministrar era o suficiente. Então, uma das primeiras preocupações que eu carreguei no início da experiência docente era o de me considerar profissional ou professor suficiente para formar outras pessoas.

IMP: Sobre sua atuação na instituição, há quanto tempo você está no Centro Paula Souza?

FGS: Há dez anos. A minha experiência na educação profissional e tecnológica totalizam doze anos e, especificamente no Centro Paula Souza, há dez anos. Atuando em algumas escolas localizadas na cidade de São Paulo e na região metropolitana como a Etec de Carapicuíba, uma rápida passagem pela Etec de Artes e na Etec Jornalista Roberto Marinho desde seu surgimento, em 2011.

IMP: Qual eixo você atua? Quais questões estão relacionadas a esse eixo?

FGS: Pela minha formação ser em Artes Visuais, isso me permite atuar em diferentes cursos do eixo de produção cultural e design. Que por sua vez traz características relacionadas à área de criação e produção da área artística, respeitando e contemplando as diferentes manifestações culturais e a produção cultural brasileira como um todo. Diante de outras áreas do conhecimento, antes da existência da divisão das áreas do conhecimento por eixo tecnológico, na metade da década anterior, em 2006, primeiro para os cursos de tecnologia e em 2008 para os cursos técnicos, o curso de produção cultural e design vai aparecer ao lado de outras áreas consideradas como sérias e desde o seu surgimento, carece de um entendimento, de uma maior compreensão. Porém, eu acredito que essa dificuldade de compreensão de atuação do técnico formado nessa área e dos cursos que pertencem a esse eixo está dentro de um processo identitário, que é anterior. Até mesmo essa divisão por eixo tecnológico. Questionamentos como: O que faz um técnico da área de teatro? O que faz um técnico em teatro? Ou o que faz um técnico em multimídia? Qual é o mercado de trabalho e o campo de atuação de um técnico em instrumento musical? Todos esses cursos que eu estou citando compõem, fazem parte do catálogo dos cursos do eixo de Produção Cultural e Design. Muitas das vezes a incompreensão em torno da atuação desses técnicos dessa área do conhecimento, desse eixo tecnológico, está dentro de um processo que é anterior à existência do eixo. Então, atender essa demanda de mercado, primeiro reconhecer que existe um mercado de trabalho para a atuação, para o ofício da produção cultural de um local é fundamental. E a tendência que isso, aos poucos vá ganhando seu corpo, seu entendimento e eu confio e espero que um dia a gente não precise, nem nós, nem os nossos alunos, técnicos formados nessa área, precisem explicar porque eles escolheram essa área.

IMP: Você poderia nos dizer onde estamos exatamente, que espaço é esse?

FGS: O espaço dessa gravação que estamos fazendo hoje é um espaço de aprendizado dos nossos alunos, do técnico de Produção em Áudio e Vídeo. Funciona como um laboratório de experimentação, um laboratório de aprendizado. Onde a captação de vídeo, da imagem em movimento, ela pode ser feita em sua totalidade. Então, o controle de iluminação, o controle de som pode ser feito aqui e, assim como é importante para a área de química ter um laboratório de experimentação de materiais, assim como é importante para a área de enfermagem, o curso técnico de Enfermagem ter um espaço para primeiros socorros ou como da mecânica, ter a oficina; o estúdio é o espaço de aprendizagem do técnico em Produção em Áudio e Vídeo.

IMP: Sobre os cursos oferecidos nessa unidade, na Etec Jornalista Roberto Marinho - técnico em Multimídia e Produção Áudio e Vídeo. Para você, qual é a importância da formação dos alunos a partir desses cursos?

FGS: A importância de reconhecer que existe um mercado de trabalho que possa absorver os técnicos formados nessas duas áreas do conhecimento. O principal mercado empregador são os estúdios de produção de vídeo, são as agências, são as televisões. Os dois cursos foram escritos e pensados para atender primeiro uma demanda de uma televisão local. Logo se percebeu que

essa formação trazia uma abrangência de atuação que era muito maior que o atendimento pontual, que foi o que deu origem ao surgimento dessa escola técnica. Então, isso se ampliou e a tendência de uma situação real que nós vivemos hoje aqui é a do uso do vídeo como um potencial comunicativo e, por mais que os meios tecnológicos facilitaram a produção desse material caseiramente, existem outros conhecimentos envolvidos na formação de um profissional da área de áudio e vídeo ou de multimídia, que vai ser aquele que vai pensar e criar interfaces digitais para suporte, para acesso de informação e conteúdo específico.

IMP: Qual ou quais seriam os desafios encontrados na profissão?

FGS: Um desafio para a atuação docente? Um desafio para a atuação docente talvez seja a constante atualização formativa. Isso funciona como um incentivo, pensar que uma formação não basta. Mesmo porque muitos dos nossos professores, o que não é específico de uma Etec, e tendo contato com profissionais de diversas áreas, professores que trazem formações em diversas áreas é a de que enquanto se formavam como bacharel não estava ali o pensamento de atuação docente. Isso é descoberto no contato direto com os alunos. Eu escolhi a licenciatura e deveria saber disso. Eu não sabia. Se eu tive a oportunidade de saber disso no fazer, por que não aquela pessoa que não escolheu atuar como professor não possa descobrir? Então, talvez o maior desafio seja o de continuar se atualizando, bastando não considerar como suficiente uma primeira formação. Por que o mercado de trabalho não entende de educação. E trazer esse conhecimento do mercado para o espaço de aprendizagem exige uma mudança de lugar. É nesse esforço de continuar se atualizando, continuar se formando e trazer exemplos sim do mercado de fora, mas que aqui tem que ser ressignificados para atender um outro processo que é muito mais importante que o pensamento capitalista.

IMP: Vou dar continuidade ao que você falou e farei uma outra pergunta sobre a questão da atualização do professor. Como você tem se preparado para uma área que tem uma exigência de domínio tecnológico de atualização com novas ferramentas e o mercado?

FGS: Primeiro reconhecendo o lugar onde estou. Não digo necessariamente o lugar onde a escola está localizada, mas reconhecendo que eu vivo em uma cidade que oferece condições para que eu constantemente possa me atualizar, possa me formar. O que me levou, me impulsionou a me inquietar, carregar uma inquietação comigo e refletir constantemente o meu fazer docente; como sempre estive atrelado à educação. Essa minha trajetória, minha carreira docente, ela acompanha a minha trajetória como aluno e também como pesquisador. A primeira licenciatura foi o catapultador para eu chegar ao mestrado, que ainda não é suficiente, mas para continuar buscando entender, compreender esse campo de atuação. Por que as possibilidades são inúmeras quando estamos nos referindo à educação. Logo, me considero, de certa forma, um privilegiado por conseguir perceber isso, por conseguir refletir sobre o meu fazer docente, por ter condições de conseguir acessar uma plataforma

gigante de conhecimento disponível em instituições, em locais. Acho que é isso.

IMP: Eu aproveito que você disse que o seu mestrado, a sua dissertação, a sua pesquisa, ela se volta para a docência, para a educação. Fale um pouco mais sobre como essa pesquisa tem acrescentado a sua atividade?

FGS: A minha pesquisa está dentro de uma linha considerada nova dentro da educação, apesar de não ser tão nova. Ao fazer uma análise histórica logo se percebe que a educação profissional ou a educação para o mercado é muito anterior a esse nome: educação profissional e tecnológica. Então, a linha em Gestão e desenvolvimento da educação profissional e toda a investigação para construção daquilo que se tornou a dissertação passou pelo eixo tecnológico de Produção cultural e design, da área, do lugar que eu atuo há mais de dez anos. Por isso me senti a vontade de explorar isso e, mais precisamente, olhar para a Etec no qual eu tenho uma dedicação praticamente exclusiva. Eu faço a investigação em torno daquilo que torna o eixo de Produção cultural e design, o que o torna tão característico diante de outros eixos tecnológicos, em destaque para o curso técnico em Multimídia.

IMP: Qual seria o diálogo dessa formação com o mercado de trabalho? Da formação técnica?

FGS: A qualificação técnica de nível médio se difere das outras modalidades, dos outros níveis de ensino pelo fato dela atender a visão como primeira camada da sociedade e tem esse viés praticamente direto com o fazer. Um ensino pautado em princípios de competências e habilidades por mais que eles espelhem diretamente o pensamento neoliberalista, que é isso que suplanta a organização dos conhecimentos nos currículos de educação profissional. A qualificação técnica de nível médio atende essa primeira camada da sociedade. Ela tem esse viés muito prático e tem uma ligação direta com o fazer, com uma necessidade primeira com a sociedade. Então, se a gente pensar que dentre os níveis de educação conseguir identificar neles a qualificação técnica de nível médio, que está dentro de um guarda-chuva que é a educação profissional e tecnológica, é entender que a formação do técnico surge da necessidade de atender uma primeira camada da sociedade, por isso ela apresenta em seus currículos um caráter tão prático de formação para uma atuação direta.

IMP: Pensando nos desafios de uma unidade de ensino, mais especificamente uma escola técnica, para você, o que valoriza uma escola?

FGS: Com certeza o que valoriza uma escola são os agentes que fazem essa escola acontecer. Falar sobre isso está envolvido em uma série de clichês e termos que são comuns ao se referir à educação. Mas compreender o papel, ter o aluno, ter o docente, os serviços terceirizados, do segurança ao serviço de limpeza, todos esses como agentes que têm que agir de forma convergente, confluyente para uma compreensão de que espaço, o espaço da escola é um espaço de aprendizado comum, um espaço de formação para uma mudança

daquilo que está fora de uma escola é fundamental. Que esse pensamento para uma mudança possa ser construído, primeiro compreendendo o papel de todos esses dentro desse espaço, entender a importância do papel de todos esses dentro desse espaço. A construção de um pensamento, a construção de uma ideia que vai levar esses agentes para uma mudança que está lá fora é fundamental. Então, o papel ou a responsabilidade, o objetivo de uma educação profissional vai além do que está escrito nos documentos que regem e fazem a oferta desse curso existir.

IMP: Quais relações afetivas podem ser encontradas na relação professor-aluno?

FGS: A primeira relação que tem que existir é a de respeito e ela deve permear todas as outras. A responsabilidade para a formação de um técnico, formação de um ser humano, de um cidadão que esteja pronto para atuar além dos muros da escola deve ser a do respeito, da formação responsável, da construção de uma ideia, no auxílio da construção de uma ideia dentro de processos da relação ensino e aprendizagem que acontece; muitas vezes essa palavra aparece como composta, mas na verdade ela tem sentidos diferentes, tem funções diferentes. Ela tem que caminhar para uma compreensão muito maior do que o respeito que a gente aprende dentro de casa. Afeto e afetividade deveriam ser algo comum ou não exclusivamente característico dos cursos de eixo de Produção cultural e design ou da área artística. Por que ela é uma palavra que está no vocabulário e compõe o repertório de palavras dos cursos dessa área. Mas ela deveria ser comum como todas as outras. Esse sentimento deveria funcionar como vírgula em uma frase. Ela está tão à tona, ela está sendo tão usada que inclusive é o tema da Bienal desse ano. Talvez muitos de nós iremos ver essa palavra ser usada, eu penso que independente da forma. Se estiver sendo usada de uma forma banalizada ela ainda tem um poder de alcance muito grande, assim como a do respeito e todas as outras que devem fazer parte desse processo formativo e de relação humana como um todo; não só exclusivo de educação.

IMP: Você teria alguma memória, algum evento ou algo que tenha acontecido ainda nessa sua trajetória como docente? Alguma coisa que tenha te marcado?

FGS: Memórias são muitas e sinto por não tê-las registradas de uma forma que eu possa acionar, que eu possa recorrer sempre que eu preciso. Por enquanto eu só conto com essa memória que já está falha, que já começa a falhar. E a tendência é se perderem. O risco disso se perder é muito grande. Mas, pensando em uma memória, o que eu tenho como mais latente em termos de memória é aquilo que vem por uma via que é afetiva, por uma via emocional. De participar de uma primeira etapa, de um processo de formação desses alunos que eu chamo todos de criança. Estar em uma etapa inicial da formação deles e, de certa forma, contribuir para que em outro momento, ao encontrar com esse aluno fora da escola, esse retorno vem a longo prazo. Muitas das vezes essa manifestação vai acontecer durante a aula outras vezes no final do curso. Mas aquela que acontece depois de finalizado esse contato

diário que se tem com eles, talvez seja uma memória que eu quero ter guardada para sempre. Eu dependo deles para fazer isso, porque são muitos. Encontrar com esses alunos depois de dez anos, depois de cinco anos, vê-los na secretaria para retirar o diploma e eles recordarem de uma experiência de aula me faz muito bem. Então, eu prefiro contar que essa memória esteja fragmentada nas vidas desses alunos que eu sempre que encontra-los, possam me lembrar de alguma coisa. Eu confio a eles isso.

IMP: Professor Fábio, agradeço por essa entrevista, que irei transcrevê-la e, após esse processo, mandarei o texto. Muito obrigada.

FGS: Obrigado.

Descritores

Fábio Gomes da Silva

Irislane Mendes Pereira

Escola Técnica Estadual Jornalista Roberto Marinho

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Clube de Memórias

Etec de Carapicuíba

Etec de Artes

Artes Visuais

Eixo Produção Cultural e Design

Técnico em Multimídia e Produção de Áudio e Vídeo

Dados Biográficos do Entrevistado



Fábio Gomes da Silva – Mestre em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional no Centro Paula Souza, desenvolvendo pesquisa sobre o trabalho docente o contexto escolar e social da educação profissional. Especialista (lato senso) em Design e Humanidades pelo Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo (2011). Licenciado em Educação Artística com habilitação em Artes Visuais pela Faculdade Montessori de Educação e Cultura (2006) e licenciado em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2011). Atua profissionalmente como Professor do Centro Universitário Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) no curso de Artes Visuais. Professor do Centro Paula Souza desde 2008, atuando nos cursos da área de Produção Cultural e Design. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem. Compõem comissão editorial para publicações institucionais e realiza trabalhos de Editoração Eletrônica de materiais impressos e digitais.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Irislane Mendes Pereira - Mestre e pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, graduada em Desenho Industrial – Programação Visual pela Universidade Mackenzie, trabalhou durante 10 anos na agência de comunicação Companhia de Notícias – CDN, na função de assistente de redação. Na consultoria Andrade & Arantes Projetos Culturais, de 2007 a 2012, exerceu função direcionada à área cultural. Entre 2011 e 2014, ministrou disciplinas no curso de Design da Universidade Mackenzie. Ingressou em 2012 no Centro Paula Sousa. Em 2016 foi coordenadora do curso de Produção em Áudio e Vídeo na Etec Jornalista Roberto Marinho, onde atualmente leciona disciplinas nos cursos técnicos de Multimídia e Produção em Áudio e Vídeo.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem